

Capítulo 4

DUAS RAZÕES PARA NÃO CHORAR:
A ELABORAÇÃO DO LUTO PELA
LITERATURA INFANTIL*Eloisa da Rosa Oliveira**Gislene Camargo**Gladir da Silva Cabral*DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/educh04>*A arte existe porque a vida não basta.**(Ferreira Gullar)*

Como tratar com as crianças sobre o tema da morte? Como superar as barreiras para estabelecer um diálogo mínimo com elas sobre a finitude e os limites da vida? Em sua obra *A História da Morte no Ocidente*, Philippe Ariès (1977) mostra como, com o avanço da modernidade, a morte vai deixando a visibilidade do espaço público e vai sendo cada vez mais colocada para o canto da vida social. Embora um fenômeno biológico inquestionável, a morte vem sendo negada e evitada no cotidiano moderno. Talvez nem nos demos conta, mas as crianças lidam com a experiência da morte constantemente em seu cotidiano: um inseto que morre, um animal atropelado na beira da estrada, um desenho animado, um filme, um videogame. Neste trabalho, estabelecemos como objetivo entender como a literatura, em específico a Literatura Infantil, pode contribuir para o entendimento da finitude humana e dos processos relacionados ao luto e à morte.

São várias as obras voltadas para o público infantil, que despontaram no Brasil a partir da década de 1970, abordando o tema do luto. Tais obras literárias auxiliam, de acordo com o que estamos defendendo, na elaboração do trauma da perda (tanto para quem as escreve, quanto para quem as lê). Em razão dessas reflexões, selecionamos como *corpus* duas obras infantis – *Menina Nina: duas razões para não chorar*, de Ziraldo, e *O jogo de amarelinha*,

VOLTAR AO SUMÁRIO

de Graziela Bozano Hetzel – a fim de refletir sobre os caminhos da linguagem literária para lidar com a elaboração do luto. Situamos, neste trabalho, a infância na perspectiva filosófica de Walter Benjamin e, no que tange ao aporte teórico sobre a morte, nos baseamos em Torres (1999); Kovács (2002) e Kübler-Ross (1985), entre outros. As crianças protagonistas das obras analisadas representam as muitas crianças que convivem com a perda, com a morte, com o luto, com os adultos, culturas, enfim, com as explicações e crenças relacionadas à morte.

Em um primeiro momento, vale ressaltar brevemente o enredo de cada obra escolhida para análise. A primeira, de Ziraldo, narra a história de Nina, sua primeira neta, e, também, sobre a morte de sua esposa Vilma que, no livro, é a vovó Vivi. Ziraldo conta, em meio às ricas ilustrações de fotos pessoais e desenhos de Nina, como Vilma e a menina tinham um forte laço afetivo, achavam-se parecidas, interessadas uma pela outra, e, de repente, conta também como vovó Vivi, certo dia, não acordou e “dormiu” para sempre. Segundo noticiários da época, Vilma, esposa de Ziraldo durante 42 anos, faleceu durante o sono aos 66 anos, vítima de infarto, em sua casa em Ilha Grande, Rio de Janeiro. O livro, além de contar a história de Vovó Vivi como matriarca da família, narra uma conversa entre o narrador e Nina, que, inconsolável e aflita, não compreendia a falta da avó. Desse modo, através da literatura o autor parece elaborar para si e para a neta o sentido da morte. Do mesmo modo, seus leitores podem, por meio desse enredo, elaborar seu próprio luto, como vamos discutir a seguir.

No segundo livro, de Graziela Bozano Hetzel, Letícia é a protagonista infantil e trava uma batalha difícil entre a dor da perda da mãe e a aceitação da madrasta. Numa narrativa delicada e melancólica, a autora narra momentos do jogo de amarelinha, traçado em chão batido por Lúcia, nova companheira de seu pai, para Letícia brincar. Na brincadeira, a menina evita passar pelo “céu”, pois é lá que dizem que sua mãe está, junto ao seu cachorrinho. Nesse processo dolorido, alguns sentimentos se misturam como o medo de esquecer a mãe, o choro de saudade, a raiva. Neste enredo, diferentemente do primeiro, há pouca conversa. Os conflitos vão sendo dissolvidos em silêncio, mas com troca de olhares e de cuidados entre os personagens – pai, Lúcia e Letícia. Numa noite em que teve febre, Letícia delira e vê a mãe a seu lado a noite toda. Quando acorda, percebe que é a madrasta que está ali. A partir de então, a

menina começa a aceitar aos poucos os cuidados, passa a chamá-la pelo nome e deixa sua mãe, finalmente, ir para o “céu”.

Ambos os enredos são completamente diferentes e carregam, contudo, um ponto de contato: a morte. De um lado, a história alegre da amizade entre neta e avó e no final a dor da perda desta e a conversa delicada para entender onde ela foi parar. De outro, uma história que narra a tristeza desde o início, representada no jogo de amarelinha, mas que sugere momentos de esperança e consolo em seu final, quando a personagem passa a aceitar a perda. Temos, portanto, aqui duas razões-livros para a criança-leitor não chorar. Vamos analisar agora os dois enredos pela perspectiva da psicologia, pensando nos estágios do luto e na concepção de criança que lê o mundo à sua volta, que é protagonista da sua dor e do seu roteiro de vida.

DA NEGAÇÃO À ACEITAÇÃO: OS ESTÁGIOS DO LUTO REPRESENTADOS NA LITERATURA INFANTIL

Lidar com a morte e o processo de elaboração do luto trata-se de um desafio para adultos e crianças. No caso das crianças, especialmente, é importante que haja auxílio e orientação para que o período de luto transcorra normalmente, sem gerar grandes interferências negativas tanto no seu desenvolvimento quanto na vida adulta. Para auxiliar na comunicação entre pais e crianças, acreditamos que a literatura infantil e os enredos que tratam da morte podem ser fortíssimos instrumentos¹ para essa necessária elaboração do luto.

Alguns autores da área da Psicologia defendem haver uma relação entre a idade cronológica e o entendimento do conceito de morte, de acordo com o nível cognitivo. No livro *A criança diante da morte*, Torres (1999) comenta, entre outras pesquisas, a de Furman dizendo que algumas crianças com menos de três anos já são capazes de compreender a morte como processo final da vida. De acordo com Furman, “a capacidade da criança para compreender os aspectos concretos da morte é fundamental para uma melhor

1 Ao utilizar a palavra **instrumento**, estamos fugindo da concepção de literatura pedagógica e utilitária, como alerta Zilberman, no livro *Literatura Infantil na Escola* (1987). Os livros infantis aqui analisados, embora possam servir para fins “terapêuticos”, não apresentam moral da história ou fundo pedagógico, resguardando a linguagem literária e poética.

elaboração do luto” (FURMAN *apud* TORRES, 1999, p. 62). Nesse sentido, os autores destacam que é de extrema importância que haja diálogo sobre a morte com as crianças, sempre que a curiosidade partir delas.

Segundo Torres (1999):

Para ajudar no processo de luto, algumas medidas são importantes, tais como: promover a comunicação aberta e segura dentro da família, informando a criança sobre o que aconteceu; garantir que terão o tempo necessário para elaborar o luto, e que terão um ouvinte compreensivo toda vez que expressarem saudade, tristeza, culpa, raiva; e, finalmente, no caso da morte de um dos pais, assegurar-lhes que continuarão tendo proteção, pois não é incomum que a criança tenha medo de perder o pai sobrevivente e de que a morte venha buscá-la também. Essa garantia de segurança será facilitada quando a criança tiver um relacionamento seguro com os pais antes da perda. (p. 123).

Considerando a primeira medida citada, a da comunicação aberta, podemos pensar na leitura de histórias infantis que falem sobre o processo da morte e do luto como um suporte importante para toda a família que enfrenta esse momento. Durante a leitura, ocorre o processo de catarse², ou seja, o leitor se identifica com aquilo que lê, compreendendo a situação vivida pelo personagem, muitas vezes, como sendo sua, e passa por um processo de purgação emocional. Assim, num movimento de alteridade, é possível que o leitor, por meio de determinadas leituras, consiga refletir sobre algumas questões pessoais a partir daquela história que está lendo. A personagem de ficção que sofre seria aquele outro com o qual o leitor se identifica.

Nessa direção, se pensarmos no caso dos livros que estamos analisando, é bem provável que uma criança que está em processo de elaboração do luto, seja pela perda da mãe ou da avó ou até mesmo outro familiar, possa se

² O conceito de catarse remonta ao pensamento de Aristóteles (2008), que em sua *Poética* define “katharsis” como o efeito emocional no espectador que resulta de dois recursos da tragédia: a compaixão e o medo. “Katharsis is” é um termo grego usado na medicina e na religião. Como termo médico, refere-se à purificação terapêutica ou purgação de um corpo infectado, uma descarga de impureza; como termo religioso, refere-se à purificação espiritual (RORTY, 1992).

identificar com a história de Leticia e Nina e passar a entender melhor a morte, a exemplo das personagens infantis que também sofreram e passaram a lidar melhor com a dor da saudade. E ainda que esse processo não se opere em nível consciente, é possível que emocionalmente e imaginativamente, a criança seja beneficiada pela leitura e experimente aquilo que, em outro contexto, Bruno Bettelheim (2002) aponta como aspectos positivos dos contos de fada na formação da criança, como a superação de conflitos interiores.

Torres (1999) fala também sobre a importância de que a conversa sobre a morte seja feita antes mesmo das situações de luto. Assim, na medida em que as crianças tiverem curiosidade e os familiares conversarem abertamente sobre o assunto, haverá maior facilidade no momento necessário de comunicar a morte à criança. Desse modo, até mesmo crianças que ainda não viveram essa experiência de perda de familiar podem entender melhor o conceito da morte a partir dessas leituras.

No livro *Sobre a morte e o morrer*, Kübler-Ross (1985) estabelece cinco estágios na elaboração do luto, para entendimento e aceitação da morte. A princípio, seus estágios se aplicam aos pacientes terminais que recebem a notícia de que irão morrer, uma vez que sua pesquisa se dá a partir de entrevistas e acompanhamento desses pacientes. Porém, alguns desses cinco estágios também podem se aplicar (e tomamos aqui a liberdade para isso) para pensar no mesmo processo pela perspectiva dos familiares e entes queridos que precisam lidar com a morte de seus familiares queridos. Nos dois enredos infantis que estamos analisando, alguns desses estágios aparecem em situações vividas pelas personagens.

Segundo Kovács (2002), “a primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça essa atitude, fica difícil passar para as outras fases do luto” (p. 50). Do mesmo modo, Kübler-Ross (2008) apresenta o primeiro estágio como o de negação e isolamento, momento em que não há aceitação do fato e, em contrapartida, surge o questionamento sobre isso ser justo ou não: “a negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes.” (p. 44).

Relacionado a isso, Kovács (2002) afirma que nessa etapa é importante que se converse com a criança e não se oculte a verdade quanto à gravidade da situação, para que ela possa trabalhar essa etapa da aceitação do fato:

O ocultamento da verdade perturba o processo de luto da criança e a sua relação com o adulto. A criança também gostaria de negar a morte, mas quando os fatos contradizem o que lhe informam, fica completamente perturbada e frustrada. (p. 50).

No caso das meninas Nina e Letícia, não há no enredo período de negação do ocorrido, embora haja momento de isolamento, quando Letícia não quer conversar nem ver ninguém da casa, após o pai ter quebrado o vaso que era de sua mãe e ter visto a madrasta limpando os cacos: “Não quer saber quem arrumou o vaso tão bonito, bonito de doer o coração. Agora acabou, aperta os olhos, não quer ver a madrasta agachada no chão. Solta-se dos braços do pai, corre até o pátio de torrar café. Precisa ficar sozinha.” (HETZEL, 2007, p. 15).

Em outro momento, Letícia se isola: “Encolhe o corpo, engole os soluços, cobre o rosto com o braço. Vai ficar ali para sempre, não volta mais para casa, pronto! A decisão acalma-a.” (HETZEL, 2007, p. 17). No caso de Letícia, além de tudo, a personagem parece ter dificuldades de verbalizar sua dor e seu isolamento se dá também em atitudes introspectivas como não querer brincar, recusar-se a chamar a madrasta pelo nome, recusar-se a dar respostas, fechar-se em choro e silêncio:

– Que foi isso? Que bicho te mordeu? – exausta, a madrasta se deixa cair ao lado da menina. Letícia não responde e as duas ficam ali, se mirando. Espanto e dor nos olhos refletidos. Depois se levantam e continuam, sonâmbulas, o caminho de casa. (p. 12).

A menina busca seu refúgio na casa de Siá Ana, que parece ser uma contadora de histórias da vizinhança. Lá, as crianças se reúnem para ouvi-la ao cair da noite: “Cai o sereno, tremelicando a meninada que se espalha, buscando o calor das cobertas. Letícia ainda fica lá, sem vontade de ir para casa.” (HETZEL, 2007, p. 20). Ouvindo as histórias, a menina esquece sua dor e sonha com os personagens da narradora. Como em tempos antigos, por meio da contação de história, numa atmosfera de afetividade e presença, uma experiência é recontada, uma sabedoria é repartida, a significação da realidade é

reconstituída, algo que faz lembrar as reflexões de Walter Benjamin (1994), em seu texto “O Narrador”.

Nessa história, percebe-se certa limitação comunicativa por parte do pai e da madrasta; não há muita conversa entre os três. Como disse Torres (1999) anteriormente, a conversa com a criança nessa etapa é fundamental. Kovács (2002) contribui para a questão dizendo: “A morte da mãe, do pai ou do irmão provoca uma imensa dor; falar dessa morte não significa criar ou aumentar a dor, pelo contrário, pode aliviar a criança e facilitar a elaboração do luto.” (p. 50). Torres (1999) também se posiciona sobre a importância dessa comunicação: “a evolução do processo de luto da criança [...] é enormemente influenciada pelo que lhe é dito, como é dito, e, no caso da morte de um dos pais, como o genitor sobrevivente reage e como espera que a criança reaja.” (p. 122). Ainda segundo Torres (1999), “crianças que não expressam verbalmente a dor da perda podem deslocá-la para uma situação externa, evitando, assim, lidar diretamente com o conflito interno.” (p. 123). Ao que nos parece, é o que acontece com Letícia, que desconta sua angústia no jogo da amarelinha, no vaso quebrado, no arranhão que leva no braço quando corre tentando fugir da madrasta que foi buscá-la na casa de Siá Ana. Entendemos essas reações também como uma forma de negação.

O segundo estágio apresentado por Kübler-Ross é o da raiva. Segundo Worden (1998), a raiva está associada à negação. Como forma de se proteger da dor, o sujeito enlutado responde ao luto com atitudes raivosas e de incompreensão em relação à morte. Nessa etapa, é comum que surjam alguns questionamentos e sensação de raiva em relação à pessoa perdida. Podemos notar esse comportamento nas duas histórias analisadas. Tanto Nina quanto Letícia se questionam após a morte de seus familiares, demonstrando raiva e incompreensão:

Nina: Vovó, você nunca disse que queria ir embora assim, sem dizer adeus. Não era isso, vovó, que estava combinado. Vovó, e suas promessas? Vovó, e nossas viagens? [...] Vovó, e os meus segredos? Para onde você levou? E como é que eu vou crescer sem você me ver crescer? (ZIRALDO, 2005, p. 28).

Letícia: Os olhos azuis faíscam de raiva. A menina sacode a cabeça numa negativa muda, estica o queixo em rebeldia, apertando na mão a pedrinha. Para pegar a pedra na volta tem que ir até o céu, e isso ela não quer. No céu está seu cachorrinho Xerife, a preá Joantina... no céu está Clara, a mãe de Letícia. Será que ninguém entende por que ela nunca vai até lá? Sente as lágrimas queimarem seus olhos. Com raiva, esfrega as bochechas, limpando-as. (HETZEL, 2007, p. 8-9).

Os olhos de Letícia relampejam de raiva, se anuviam de dor. – Letícia! – Letícia! A voz do pai chega até ela, distante. Não responde. Por que saudade dói tanto, por quê? (HETZEL, 2007, p. 17).

No primeiro fragmento, Nina faz questionamentos para a própria avó, pois não entende o motivo pelo qual ela partiu sem se despedir, desfazendo planos e combinados. Essas perguntas serão peça-chave para o fechamento do livro, quando o narrador explica para Nina o que está acontecendo. Nos dois outros fragmentos, nota-se um conflito mais doloroso, pois Letícia, como já dito antes, não consegue verbalizar tão bem suas dúvidas. A menina se sente incompreendida em sua dor, o que se reflete em atitude rebelde contra a madrasta e o jogo de amarelinha, já que se recusa a pisar no céu. No último fragmento, ela não responde ao pai e logo se questiona por que dói tanto. Notamos nesse ponto que apesar da tentativa do pai, existe uma dificuldade de comunicação, o que pode agravar a dificuldade de aceitação de Letícia.

Na sequência, o terceiro estágio proposto por Kübler-Ross (1985) é o da barganha: “Se, no primeiro estágio, não conseguimos enfrentar os tristes acontecimentos e nos revoltamos contra Deus e as pessoas, talvez possamos ser bem-sucedidos na segunda fase, entrando em algum tipo de acordo (...)” (p. 91). No que diz respeito aos livros infantis analisados, poderíamos considerar a conversa do narrador com Nina uma espécie de barganha a caminho da aceitação. Depois dos tantos questionamentos da menina, o narrador diz:

Nina, você vai ter de entender, tem gente que é deste jeito: não gosta de despedidas. Não chore, Nina, não chore. Ou melhor chore bastante. A gente afoga nas lágrimas a dor

que não entendemos. Mas espere, Nina, espere, porque há duas razões para não chorar. (ZIRALDO, 2005, p. 31-33).

O narrador continua dando duas opções para a Nina entender a morte. Por um lado, ela pode pensar que a vovó está num sono profundo e elas podem se encontrar em sonhos. Por outro, pode pensar que ela está num lugar muito legal chamado Céu observando tudo o que Nina continua fazendo. E encerra dizendo: “Portanto, não chore mais e vá dormir, minha querida. Dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida.” (ZIRALDO, 2005, p. 37). Aqui, nota-se o quanto o imaginário e a literatura podem colaborar nesse processo de elaboração do luto. A partir daqui a vida pode ser (re)inventada de uma forma menos dolorosa e, nem por isso, menos lúcida, já que dos dois jeitos há a despedida necessária e a continuidade da rotina.

O narrador sugere, portanto, que Nina se despeça e que mantenha boas lembranças da vovó, podendo encontrá-la em sonhos ou conversando com ela em pensamento, dando um “adeusinho” antes de dormir. São as duas razões para não chorar. A criança que lê essa história acompanha o processo da personagem e pode tomá-lo como exemplo, de modo que a fala do narrador também possa ser direcionada à criança leitora.

Vale destacar que, quando Kübler-Ross (1985) fala do estágio da barganha, ela está se referindo a outro contexto, quando os pacientes negociam com Deus sua cura ou seu tempo de vida, fazendo promessas ou se comportando melhor na espera de alguma mudança. Aqui, nós estamos tentando aplicar o conceito a uma outra situação, fazendo as devidas ressalvas. A barganha, neste caso, consiste em negociar a interpretação da morte para entender como as coisas serão daquele momento em diante ou até mesmo fazer a devida despedida, como um ritual necessário.

O último estágio citado por Kübler-Ross (1985) é o da aceitação. Quando os pacientes aceitam que a morte está chegando e aproveitam esse momento para estar em comunhão com seus entes queridos. No caso dos familiares em processo de luto, Worden (1998), embasado em Gorer, afirma: “A aceitação das condolências com gratidão é um dos sinais mais confiáveis de que a pessoa enlutada está elaborando o luto de forma satisfatória” (GORER *apud* WORDEN, 1998, p. 32). Worden (1998) complementa: “Há um sentido no qual o processo de luto pode ser terminado, ou seja, quando as pessoas

readquirem interesse pela vida, sentem-se mais esperançosas, mais gratificadas e se adaptam a novos papéis” (p. 32).

Segundo Torres (1999), um dos principais fatores que marcam a superação do luto é a aceitação da perda e “[...] encontrar outra pessoa para amar, o que é uma indicação de que o processo de luto transcorreu normalmente” (p. 122). Kovács (2002) colabora com a questão dizendo que “o processo do luto está finalizado quando existe a presença da pessoa perdida internamente em paz, e há um espaço disponível para outras relações. A criança pode simbolizar esta ausência/presença, através de jogos e brincadeiras” (p. 51).

Nas duas histórias analisadas, a finalização do processo de elaboração do luto fica bem clara. No caso de Nina, o livro *Menina Nina* (ZIRALDO, 2005) encerra com as duas razões para não chorar, trazendo mensagem de esperança e duas ilustrações da menina feliz sonhando com a vovó, na primeira opção de despedida, e dando um adeus sorridente antes de dormir na segunda opção para “não chorar”. As duas mensagens trazem consolo e otimismo à menina:

Razão 1: Se muito além desse sono que vovó está dormindo não existe nada mais [...]. Aí, você pode, Nina, ir dormir o seu soninho, e sonhar um sonho bom, pois vovó não está sofrendo[...]. Pode parar de chorar. (p. 35).

Razão 2: Se, porém, depois desse sono imenso, vovó Vivi despertar num outro mundo, feito de luz e de estrelas, veja, Nina, que barato!!! Que lindo virar um anjo. Que lindo voar no espaço! (p. 36).

Enquanto isso, no enredo de Letícia, no livro *O jogo da amarelinha* (HETZEL, 2007), também ocorre um processo de aceitação representado em várias atitudes da personagem principal. Novamente, a menina não verbaliza e nem conversa sobre suas dores e pensamentos, mas, ainda assim, consegue passar pelas etapas até aceitar sua perda.

Primeiro, nota-se que a menina relaciona as flores e o vaso de flor que tem em casa com a presença da mãe: “Não gosta daquele jogo. Gostar, gosta de pegar flores [...] como fazia a sua mãe” (p. 10). Esse é o pensamento de Letícia quando nega o jogo de amarelinha no início do livro. Depois, chega à sua casa e pega o vaso que era da mãe: “De olhos fechados, Letícia mergulha o rosto no

buquê de mimosas. As pequenas flores, pompons amarelos, fazem cócegas em seu nariz” (p. 13). Em seguida, o pai chega e a abraça de surpresa, deixando o vaso cair no chão e se quebrar. É quando a menina pensa: “Agora acabou” e sai correndo para chorar na rua. Isso ainda acontece na fase de negação e raiva, mas na última página, como fechamento do livro, a exemplo do que disseram os teóricos acima citados sobre a aceitação, a menina sai para colher flores com Lúcia trazendo vários elementos simbólicos que evidenciam a aceitação: “Alisa com o dedo a cicatriz rosada que serpenteia em seu braço magro. Mais tarde vai colher flores com Lúcia. Quer encher o vaso novo que o pai comprou. Em um pé só recomeça a pular, brincando de amarelinha...” (p. 31).

Aqui nós temos quatro elementos a serem analisados: primeiro, a ferida sendo alisada como símbolo de cicatrização não só da ferida física, mas também da emocional. Ao lado dessa página, está a ilustração de Letícia com a mão no braço sorrindo diante do desenho do jogo de amarelinha no chão. Ou seja, alisar essa ferida sugere que ela está-se curando e voltando a sorrir, já que as outras ilustrações mostram a menina triste ou chorando.

O segundo elemento aqui seria a aceitação de uma nova pessoa a ser amada, que é a madrastra Lúcia. Conforme disse Torres (1999), Letícia conseguiu se abrir para amar outra pessoa além de sua mãe, o que indica o luto sadio. Ou seja, abriu-se um espaço disponível para novas relações, como disse também Kovács (2002). Esse processo fica claro quando a menina adoece e precisa dos cuidados de Lúcia. Durante o período de febre, Letícia delira e vê a mãe cuidando dela. Depois, quando se dá conta de que Lúcia é quem dela cuida, é como se ocorresse um ritual: “Não é Clara, é a madrastra, e a menina solta o choro de mansinho, o rosto virado para a janela. O dia vai clareando. Sem barulho, Letícia deixa Clara voltar para o céu. (HETZEL, 2007, p. 31). Nessa cena, a menina finalmente aceita se despedir da mãe e “deixá-la ir”. É a partir de então que as atitudes da menina começam a mudar.

O terceiro elemento está simbolizado pela compra do vaso novo, o que representa a esperança e otimismo para a continuidade, ao mesmo tempo em que preserva a lembrança carinhosa da mãe, agora com menos dor. Kovács (2002) cita Raimbault explicando essa troca de objeto velho por objeto novo como trabalho de desidentificação, quando o sujeito em processo de luto aceita resguardar lembranças do objeto do ente perdido e investir energia em outro objeto. Nesse caso, o fato de a menina querer encher o vaso novo com flores

representa um processo de luto sadio também. Letícia aceita que o vaso velho quebrou e que sua mãe foi embora e fica feliz com o vaso novo.

Por último, o quarto elemento analisado é o retorno ao jogo de amarelinha. Como disse Kovács (2002), a criança pode simbolizar a sensação de ausência/presença através de jogos e brincadeiras. Desse modo, Letícia retorna a brincar de amarelinha, sem receio de ir até o “céu”. Aproveita para pedir a aprovação da madrastra, chamando-a pelo nome o que reitera o novo afeto: “— Tá certo agora, Lúcia? A surpresa deixa a madrastra muda. Letícia nunca a chamou pelo nome. Às vezes, ela tinha a impressão de que isso nunca aconteceria.” (HETZEL, 2007, p. 29).

Desse modo, nossas duas personagens, Letícia e Nina, ressignificam seus adeuses e, assim, elaboram suas dores de saudade, perda e luto. Do mesmo modo, acreditamos que a leitura desses dois enredos pode auxiliar diretamente também no processo de luto de uma criança que perdeu alguém próximo, bem como dos adultos envolvidos na experiência de leitura. A exemplo das personagens, cumprindo o processo de alteridade que a literatura permite, é possível que o leitor se identifique com as duas histórias e possa reelaborar internamente também seu próprio luto.

A INTERVENÇÃO DO ADULTO NO PROCESSO DE LUTO DAS CRIANÇAS

Vislumbremos a morte como cada um de nós a vê e a sente, pois existe uma distância entre consolar quem perdeu e ser aquele que perdeu. Podemos vislumbrar a morte poética, a morte representada por uma mulher com uma ceifa, a morte de preto, a tristeza, os funerais, cremação, cheiro de flor, reunião de parentes, oferendas, rituais, entre outros. Cada época, cada povo com suas classes sociais, constrói suas histórias e seus modos de explicar a morte.

Uma história intrigante sobre a morte, ou a “falta” da morte, nos é narrada por José Saramago (2005) em seu livro *As intermitências da morte*, quando o caos na narrativa se apresenta devido ao fato de que ninguém mais morre. Por vezes, sentimo-nos tentados a não deixar partir aqueles que amamos, a orar, rezar, pedir que a pessoa convalescente permaneça mais tempo

entre nós. “A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte, ninguém morreu” (p. 207). É mais sossegado pensar assim, que as pessoas que nos são caras permaneçam para sempre conosco. E as crianças, como pensam? O que sentem?

Abordar o assunto morte com as crianças continua a ser um problema para alguns adultos, pois nem os próprios parecem saber lidar com ela. Presenciamos cenas cotidianas em que adultos não falam para a criança que um parente morreu, privando-a dos rituais de velório, enterro, cremação, entre outros, imaginando, desse modo, preservá-la do luto e do sofrimento. No entanto, a criança percebe o que passa no seu entorno, vê as lágrimas, a tristeza, o movimento de luto, mas é privada de vivê-lo. Há casos também em que os adultos entram em pormenores sobre a morte que a criança também não compreende, e que seriam desnecessários. Em Benjamin (2013), “Notícia de uma morte”, lemos:

Eu devia ter uns cinco anos. Uma noite, quando já estava na cama, o meu pai entrou no quarto. Vinha dar-me boa-noite. Talvez tenha sido um pouco contra a vontade que me deu a notícia da morte de um primo, um homem já velho que pouco significava para mim. O meu pai foi-me dando a notícia com todos os pormenores. Não retive tudo o que me contou. Em contrapartida, ficou-me na memória o meu quarto nessa noite, como se soubesse que um dia ele voltaria a dar-me que fazer. Quando já era adulto, soube que o primo tinha morrido de sífilis. O meu pai tinha entrado para não ficar sozinho. Mas quem ele procurava era o meu quarto, e não eu. Nenhum deles precisava de confidente. (p. 95).

Há certas explicações que os adultos buscam oferecer à criança, que podem não fazer sentido no momento, o adulto baseia-se em si, nos seus sentimentos. Benjamin, aos cinco anos, não se importou com a morte do primo, “um homem já velho que pouco significava para mim”, foi compreender os meandros do pai, somente quando adulto.

A relação entre a morte e o seu entendimento passa também pelas crenças cultivadas pelos adultos com os quais a criança convive. Dizer que

quem morreu foi para o céu, que virou uma estrela, que estará sempre por perto, que virou um anjo, entre outras explicações, reflete o entendimento do adulto e no que ele acredita ou quer acreditar, não necessariamente a compreensão da criança. Nesse sentido, Kübler-Ross (1985) destaca que foi insensato dizer para uma menina que perdeu o irmão que “Deus levou Joãozinho para o céu por amar as crianças” (p. 11), relatando que ela, ao se tornar adulta, ainda carregava a mágoa contra Deus, o que desencadeou uma depressão psicótica quando perdeu seu próprio filho. De novo, buscamos compreensão em Kovács (2002), quando insiste que:

[...] a questão da origem da vida e da morte está presente na criança, principalmente no que concerne à separação definitiva do corpo. Ela tem uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. (p. 49).

Nina recebeu a notícia da morte da avó, ao amanhecer; a “vovó não apareceu para o café da manhã” (ZIRALDO, 2005, p. 26), e a falta se faz presente. Nina percebeu o entorno, sabia que algo estava errado: “Quando a porta do seu quarto foi aberta finalmente com força e ansiedade, lá dentro, vovó dormia serena como viveu. Vovó dormia para sempre” (p. 27). E a partir desse momento Nina começa a questionar, e são muitas perguntas, e é quando surge o adulto e oferece duas razões para não chorar.

Quanto a Letícia, o livro não explicita quando a sua mãe morreu, e quem deu a notícia. Mas subtende-se que a explicação, foi de que a mãe foi para o céu “Para pegar a pedra na volta tem que ir até o céu e isso ela não quer. [...] no céu está Clara, a mãe de Letícia” (HETZEL, 2007, p. 8). Os adultos que moram com a menina, que são o pai e a madrasta, expressam suas tristezas de modo calado, não aparecem conversas sobre a saudade, sobre as lembranças, sobre o que ficou da mãe.

O pai de Letícia se casou novamente, colocou supostamente outra mulher no lugar da mãe, o que não houve com a Nina, na história não aparece outra avó. Letícia convive com o silêncio, com suas dúvidas “[...] lembra pouco de Clara. [...] Lembranças poucas, cada vez mais apagadas, virando borrão” (p. 10). Como a mãe foi embora e como essa outra mulher tomou o seu lugar? “Tenta ver Clara arrumando o buquê de mimosas, mas não consegue. A imagem da madrasta vem sempre no seu lugar” (p. 16). Para Nina, há uma conversa em que são dadas duas opções, pensando no céu e na vida após a morte, um lugar melhor, ela tem em que pensar e até o que escolher. Letícia, no entanto, entende a morte como fim de tudo, as explicações não são dadas, pois não há muito diálogo entre as personagens.

A religião e as crenças têm papel importante nas explicações dos adultos sobre a morte. Nina teve duas explicações que o livro não dogmatiza, porém Letícia acredita que a mãe está no céu. É necessário falar a respeito, ouvir o que a criança pensa sobre a morte, pois tratar desse assunto de modo velado, pode gerar insegurança na criança. O luto é um processo pelo qual a criança tem de passar e começa com o reconhecimento da perda.

A ocultação e a mentira do adulto dificultam o trabalho de luto da criança. Quando morre um ser querido, sua ausência será definitiva. O trabalho de luto exige uma sucessão de esforços. O primeiro e fundamental é aceitar que o ser querido já não está conosco. (ABERASTURY, 1984, p. 135).

E se o adulto não aceitar a morte, também não poderá ensinar a criança a aceitar e conviver com a ausência. No caso de Letícia, parece que a dor da saudade – “Por que saudade dói tanto, por quê?” (HETZEL, 2007, p. 17) – não lhe foi explicada, e ela sozinha tenta compreender a ausência da mãe. “De repente, um açude. No virar da curva, antes da memória, o olhar de Letícia encontra seu espelho verde, sereno. E Clara volta, está lá, não está em céu nenhum, sua risada ecoa no açude e o peito de Letícia lateja de dor” (p. 11). Nesse caso, o adulto poderia ajudar a menina a entender, pois de acordo com Aberastury (1984), “[a] criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive como abandono” (p. 135).

A criança contemporânea convive com os adultos, compartilha os mesmos espaços, porém, como afirma Aberastury (1984), “[h]á adultos que acreditam que a criança não compreenderia uma explicação verbal do que está ocorrendo” (p. 128), e, por esse motivo, consideram melhor ocultar a morte. “Não chore, Nina, não chore. Ou melhor: chore bastante. A gente afoga nas lágrimas a dor que não entendemos” (ZIRALDO, 2005, p. 31). Nesse momento, Ziraldo, ao pedir que a menina não chore, compreende que ela ainda não entende o que está acontecendo. A concepção de criança que aparece aqui é a de um ser que tem o direito de dialogar a respeito da morte e cujos sentimentos devem ser considerados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que em proporções diferentes, a depender das crenças e visões de mundo, o tema da “morte” ainda causa desconforto para os adultos, sobretudo quando se trata de mediar o assunto com as crianças. Elas, em paralelo, vivem ao seu modo o processo do luto, juntamente com os adultos que também sofreram a perda, mas nem sempre conseguem dialogar ou trilhar um caminho de elaboração do luto consciente ao lado da criança.

Em virtude do nó colocado nessa busca por possíveis caminhos para ajudar a criança e os adultos a passarem por esse processo, consideramos que a literatura infantil possui um potencial rico para colaborar com a problemática, sem perder, com isso, sua potência poética e literária.

Este artigo teve como objetivo entender como a literatura, em específico a infantil, pode contribuir para o entendimento da vida e dos processos relacionados ao luto e à morte, no intuito de contribuir com adultos e crianças que passam por esse momento de perda e luto. As literaturas selecionadas como *corpus*, *Menina Nina* e *O jogo de amarelinha*, cada qual com suas especificidades, abordam com delicadeza o sofrimento de duas meninas. As “explicações” para os sentimentos relacionados à morte, nos dois livros, podem contribuir com quem está passando por situações relacionadas à perda.

Consideramos que a literatura infantil pode provocar o processo de alteridade e amenizar os sentimentos de perda, desvelando o tema, muitas vezes pouco abordado com as crianças. Nas duas obras, foi possível perceber

os estágios de luto acontecendo com as duas crianças protagonistas. Em ambos os casos, as personagens e suas dores ocupam papel central e a narrativa conduz o fio do enredo para uma elaboração do luto, de modo a encorajar a continuidade e celebração da vida. Nesse sentido, para leitores que estejam passando – já passaram ou estejam se preparando para passar – pelo mesmo processo de luto, a literatura pode ajudar a organizar a despedida, o rito de passagem, o momento em que ocorre a aceitação da perda.

Outro ponto importante é que nas duas obras, existe o respeito à concepção de infância, apreciada por Benjamin e Ariès, bem como outros autores citados, que abordam a criança como alguém que está inserido no contexto adulto e não como alguém que vive em outro mundo. Desse modo, fica claro que não se deve evitar o assunto da morte, na crença de que a criança não compreende ou não compreenderia a explicação.

Por fim, analisamos aqui duas obras, porém estamos cientes de que há uma variedade de livros que tratam das perdas, muitas outras razões que podem ajudar a criança e o adulto a não chorar. É importante salientar que tais livros não devem chegar às crianças apenas no caso de perda recente, mas fazer parte do seu acervo e repertório, para que o assunto da morte possa estar integrado às reflexões sobre a vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. *A percepção da morte na criança e outros escritos*. Porto Alegre: Artmed, 1984.

ARIÈS, P. A. *História da Morte no Ocidente*. Trad. P. V. Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.

In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 197-221.

- BENJAMIN, W. Notícia de uma morte. In: _____. *Rua de mão única: infância berlinense: 1900*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 95.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HETZEL, Graziela Bozano. *O jogo de amarelinha*. Rio de Janeiro: Manati, 2007.
- KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1985.
- RORTY, Amélie Oksenberg. The Psychology of Aristotelian Tragedy. _____. *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 1-22.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- TORRES, Wilma da Costa. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- WORDEN, J. William. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.
- ZIRALDO. *Menina Nina: duas razões para não chorar*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.